

83
S. C. - 2-1-83

1888

Grênça & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

DIRECTOR

4.^a SERIE

N.º 1

P.^c Antonio Hermano

Assignatura: Quinhentos réis por anno

SUMMARIO

Premios e castigos, *Bruno d' Almeida* — Portugal (Poesia), *Ranget de Quadros* — O que valem romances, *Rodvigo Moreno* — O Minho, *R. F. Fontinha* — Sessenta annos, *Agostinho Azevedo* — Academia literario musical.

REDACÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO
—
GUIMARÃES

S.C. - 2-1-83
S-1-1-19



Creança & Letras



4.^o Serie — 1898



Crença & Letras

~~~~~  
PUBLICAÇÃO MENSAL  
~~~~~

Director — A.º Antonio Hermano.



REDACÇÃO
COLLEGIO DE S. DAMASO
—
GUIMARÃES



PORTO

Typ. a vapor de Arthur J. de Sousa & Irmão

74, Largo de S Domingos, 76



AO

M.^{ma} e C.^{ma} S.^{ra}.

ALBANO RIBEIRO BELLING

Como preito ao seu festejado talento.

Off.

O Director.



Premios e castigos



SEMPRE a Pedagogia versou com afan o capitulo — premios e castigos. — Julgo que o ideal a que a sciencia de educação deveria mirar seria, nem mais nem menos, do que á abolição d'uns e d'outros.

Terão sido de necessidade as penas escolares em tempos de mais rudimentares processos pedagogicos e de menos cultura espirital: ter-se-á, após, feito sentir a necessidade de dar aos premios preponderancia educativa, para, de tal guiza, ir relegando, para o recanto do desuso, a vara dura e fria do castigo; mas hoje, que tão guindado se diz o progresso e a sciencia, affirmo que a educação deve ir até o alto fito de ser ministrada sem o vergão do castigo e sem o engodo do premio.

Julgo que um e outro, lançam na vertente do abuso a sensibilidade do educando e a descambam, por bons modos, á ravina despenhada do egoismo dissolvente.

Demais, a *virga ferrea* que o educador em-

punhe, deixa-lhe quasi sempre compromettido o carinho amigo de pae, que deve vencer e ganhar as rebeldias dos corações incipientes, e, a par de tanto, o premio tambem, proposto como motivo determinante do Dever, deixa a este assaz diminuida a gravidade austera e nobilissima.

Pôr no logar do castigo aspero, o estimulo moral, suave, doce, paternal, benigno, suasorio, que revibre na consciencia; e substituir ao chamariz do premio os attractivos radiosos do Bem, cuja pureza Augusta tem seducções que muito sobrelevam as dos premios, tal, avento dever ser o desideratum dos que têm por missão a moldagem dos espiritos juvenis.

E terá visos de realisavel a feiticeira theoria? Confio que sim.

Desde que o educador tenha na alma a fé que vivifica, e no coração a vontade que sempre vence, menos ardua e mais viavel se lhe antolhará essa bella estrada.

Desde que aos jovens se descubram os primores do Bem e a seus olhos impressionaveis radie todo o brilho supraterrano que o exalça, desde que para o lado d'esse culto reverencioso se lhes inclinem sempre e sempre as intelligencias ingenuas e os corações virgens de mal, desde que se affaçam e affeioem a esse deleite moral, que lança a commoção vibrante na consciencia mais fria, o seu esforço ver-se-á facilitado e diminuido, e o seu caminhar pela senda da rectidão provará quasi espontaneo e natural.

Em tal estado de nobilitação moral, os desvios

viciosos, quando por desgarro os haja, por si destillarão o castigo e lançarão na alma as punccões acerbas do arrependimento.

De tal arte resaltarão do imo coração o effizac sanccionamento do Bem e do Mal, e poderá diminuir-se até o extremo o aguilhão animal que, pelo penar ou pelo goso sensorio, empurra os educandos para o trilho da Honra.

Para mim jamais merecerá fóros legitimos de educador quem, em sua missão de mestre e de pae, se prevalecer da vara e da negaça. Está a elevaçã do seu apostolado generoso em tornar affectivos os sentimentos e as ideias dos que conduz ao limiar da Sociedade. Exerça-se, communique-se, dê-se a seus pupillos em palavras de bondade, em exemplos suasivos, em mimos de dedicaçã, em milagres de esforço e de actividade. Tal se mostre e imponha, e educará.

Bruno d' Almeida.



PORTUGAL

(Composição inédita)



I

O' minha formosa terra,
salve, nobre Portugal,
grande na paz e na guerra,
sempre valente e leal;
patria de heroes e guerreiros,
que, outr'ora, sempre altaneiros,
honraram os teus padrões!
— Rica de brios e glorias,
por toda a parte notorias,
salve, patria de Camões! —

Ainda canções inspira
o teu pristino valor.
Por ti empunhara a lyra
eu, mesquinho trovador.
Quizera ainda cantar-te,
pois teu nome em toda a parte
poude outr'ora grande ser,
quando teus filhos briosos,
com seus feitos assombrosos
augmentaram teu poder.

Erguei-vos da sepultura,
recordae vossas accções,
heroes, que, pela bravura,
assombrastes as Nações!
Erguei-vos, nobres soldados!
Vem, Ala dos Namorados.
Vem tu, ó mestre de Aviz!
E dizei ao estrangeiro,
como leis ao mundo inteiro
deu outr'ora este paiz!

Tinhas limites estreitos.
Mas, vendo as ondas do mar,
quizestes, por altos feitos,
o teu nome eternizar!
O mar, com suas bravezas,
as mais notaveis empresas
a teus filhos inspirou!
E o teu Sacro Promontorio,
que sempre será notorio,
mais terra e mar te mostrou!

E quantas localidades
se ufanam dos seus brazões
e antigas heroicidades
e de nobres tradições?
Quantos muros, já caídos,
e castellos denegridos
honram ainda a Nação?
Quantos velhos monumentos
heroicos ensinamentos
hoje ainda lembrarão?

Repelindo o jugo alheio,
podeste, ó patria, vencer
o Castelhana, que veio
por Beatriz combater;
como outr'ora, no Salado,
teu valor, teu brio ousado
já os Mouros destroçou;
como, no Campo de Ourique,
o grande filho de Henrique
Portugal livre tornou.

E tiveste homens de fama,
 como foi Pedro Cabral.
 Tiveste Vasco da Gama,
 por quem choras, Portugal.
 Zarco e Tristão Vaz tiveste.
 E tambem o berço deste
 ao grande Diogo Cão.
 Tiveste Antonio da Motta,
 que, em bem notavel derrota,
 foi descobrir o Japão!

Da gloria a estrella brilhante
 se Pedro Cabral guiou,
 o caminho do levante
 tambem ao Gama ensinou.
 Ao ousado marinheiro,
 João Affonso de Aveiro,
 mostra as terras de Benim;
 como em tempos afamados,
 levou guerreiros ousados
 a Mazagão e a Saffim!

Tu levaste a verdadeira
 crença a Malaca e a Ormuz.
 Tremulou tua bandeira
 em Terras de Santa Cruz!
 A's Terras da Oceania
 já poudes a tua ousadia
 tambem as *Quinas* levar!
 — Poudes a tua mão robusta
 terras, na Africa adusta,
 descobrir e conquistar! —

De Castella tu soffreste
 os mais pesados grilhões.
 — Mas um dia o cõllo ergueste
 e honraste os velhos padrões.
 E, depois de sessenta annos,
 tu mostraste aos Castelhanos,
 que livre desejas ser.
 E cada um de teus filhos,
 seguindo da gloria os trilhos,
 soube a patria defender! —

Já os guerreiros da França
 te quizeram subjugar.
 Mas teu brio não descança
 e logo os fez aterrar!
 E tua gente briosa
 em Aibuera e Tolosa
 mostrou heroico valor.
 Teus filhos, tua bandeira
 honrando em terra estrangeira,
 mostraram seu patrio amor!

Dos Affonsos as proezas,
 talentos de Dom Diniz,
 inspiram altas empresas
 para a nação ser feliz.
 Tambem os Sanchos valentes,
 com seus feitos eminentes
 independencia te dão.
 E tu, combatendo os Mouros,
 ganhastes virentes louros,
 que nunca se murcharão!

Dom Duarte amor profundo
 ás letras quiz dedicar.
 Tambem Dom João segundo
 aos reis soube exemplos dar.
 Dom Manoel poderoso,
 nas empresas venturoso,
 mostrou brio portuguez,
 — Quiz o infante Dom Fernando
 com firmeza a patria amando
 captivo acabar em Fez! —

Se filhos desnaturados
 despresam sua Nação,
 alguns, por feitos ousados,
 ainda brilho te dão!
 N'essas Terras africanas,
 e nas plagas indianas,
 desejam ainda erguer
 a portugueza bandeira,
 que soube sempre altaneira
 inimigas não temer!

II

Mas não só tuas proezas
eu desejo recordar.
Tuas naturaes bellezas
quero tambem contemplar.
Amo o Tejo caudaloso.
Amo o Vouga tão formoso ;
do Liz, o manso correr ;
e o Lima, que já fizera
tudo, a quem vê-lo podéra,
tão gratamente esquecer !

Amo as bellezas do Sado,
que Bocage tanto amou
e, por ellas inspirado,
immortal nome alcançou.
Amo tambem o socego,
com que as aguas do Mondego
podem dar inspiração ;
do Douro as ribas fragosas ;
do Minho as margens formosas
e as ferteis margens do Dão.

Como é formoso o Odemira !
E Cintra e o Bussaco tem
bellezas, que sempre admira
quem ao meu Portugal vem.
Tuas formosas colinas,
teus prados, tuas campinas,
inspiram canções de amor !
E das Beiras os vinhedos
e do Minho os arvoredos
sempre fallam do Senhor !

Tem grata melancolia
os teus vastos pinheirões.
E tem grata poesia
teus umbrosos olivaeas.
Os teus bosques verdejantes,
teus pomares abundantes
sempre afamados serão.
E as tuas noites calmosas
dão ao vate horas ditosas
da mais pura inspiração !

Aveiro.

Eu não trocará as bellezas
da minha terra natal
por elevadas riquezas
longe do meu Portugal.
Não trocará as tuas flores,
de teus campos os verdores,
teu formoso pôr-do-sol ;
as manhãs, cheias de encantos
e os ternos, sentidos, prantos
do sentido rouxinol !

Quem trocará tuas fontes,
tuas noites de verão,
os teus prados, os teus montes,
por os de estranha Nação ?
Por bem notavel magia,
causa, a extranhos, nostalgia,
ao longe, o teu Ceu azul ;
tuas estrellas brilhantes,
teus arrojios susurrantes,
tuas virações do sul !

Aos povos de priscas eras,
notaveis por seu valor,
do teu sólo já pudéras
tambem inspirar o amor.
A terra dos lusitanos,
Turdulos, Gregos, Romanos
já gostaram de habitar.
E a terra dos Portuguezes
tem a extranhos muitas vezes
podido invejas causar.

Portugal, a tua fama
não poderá esquecer.
Os nomes de Castro e Gama
tambem não hão de morrer.
E aquelles feitos ousados
dos «varões assignalados»,
que celebrára Camões,
hão de dar-te nome e gloria,
ainda que a tua historia
rasguem um dia as nações !

Rangel de Quadros.

O que valem romances



FORAM-ME sempre pouco gratos os romances.
Penso que a leitura deve sempre ter em desideratum melhorar a intelligencia e o coração.

A leitura deve deixar na mente que a assimila o vinco, a nota duravel d'alguma ideia, d'algum esclarecimento, d'algum passo para a frente no arroteamento do desmarcado areal da ignorancia. Deve-a illustrar, sublimar a alma, subil-a quanto ser possa até o almo sol da Verdade e não de qualquer verdade, senão da que mais fecunda seja, da que mais convirja á rectidão de nossa vida, da que mais eleve á comprehensão do Dever.

Cumpre pôr de lado como alimento esteril ou insufficiente o que não contenha em doses consoladoras a substancia nutriente do Saber. Cumpre deixar para os insanos matadores do tempo as leituras futeis, que, dando, quando melhor, o desenfado, deixam o espirito n'um jejum desolador a respeito de ideias. Taes leituras, quaes em regra são

os romances, não merecem, por mil e uma razões, occupar as horas valiosas dos homens sensatos, d'aquelles que não esquecem jamais que o tempo é dinheiro ou valor que irremediavelmente se vac escoando e perdendo, momento a momento, quando a gente não cura de lhe extrahir os muitos e grandes juroes com que soe recompensar o trabalho honesto e intelligente.

O homem em quem a razão domina, e que não tem a fraqueza de render-se ás veleidades do sentimento e da imaginação, deixará aos levianos o calor que causam as urdiduras romanescas, o interesse infantil por essas emmaranhadas scenas, para cuja trama, a base é fornecida pela phantasia e pela mentira.

O homem digno, d'acção e de pensamento, prefere em absoluto os livros de sciencia, os livros de verdade, os livros de realidade e valor; e quando por ventura haja de querer dar lazer ao espirito fatigado de locubrações, tem muito e muito em que retouçar, sem recorrer á farfalhagem do romance. Hoje abundam até á demasia leituras amenas, de tão variada natureza e tão deleitosas e tão primorosas, que sobrelevam pela utilidade e pela verdade e até pela pureza, ao romance de melhor feitura.

Contem-me muito embora os parciaes d'aquelle genero literario as mirificas vantagens que o dignificam; digam que é de joias o estilo de muitos, que muito vale o cultivo que prestam á imaginação, que são vivas de realidade as scenas que pintam e descrevem, os quadros de costumes, os lancces de Historia, as gradações das civilisações com

que sabem encantar; digam tanto e digam mais, que eu, sem desconvir em que algo de vantajoso ahi reluz, logo considero nullo esse minguido lado bom, se lhe contraponho os muitos e serios inconvenientes que do romance derivam e as vantagens positivas e incomparavelmente maiores das leituras que proponho em sua substituição.

E que direi dos germens de mal que os romances depositam e affagam no coração?

Todos sabem que quasi todos os romances encerram mesmo no fôfo ninho de suas mais ledas bellezas os venenos activissimos da corrupção moral. D'ahi sae a fumarada e o incendio de mil paixões; ahi se fomentam e insinuam os vicios da moda, os vicios civilisados, os vícios multiformes, enganosos e sedutores. Romance que não arraste o leitor pelo interesse, que o não sensibilise e effemine e o conduza como a um cego, pelos desvios estonteadores das situações imprevistas, romance que não desfolhe rosas sobre as paixões e não desculpe ou exalce as aventuras insanas e perversas, romance que não pique a religião com o bellisção do ridiculo ou com os remoques dos Voltaires de Liliput, é raro como os corvos de azas brancas e, se apparece, hiberna indefinidamente nas estantes do editor.

Portanto teimo em dizer que os romances, ainda os historicos, que são os menos maus, fornecem *má leitura*.

Rodrigo Moreno.

O Minho

(EXCERPTO)



esta «occidental praia lusitana», onde a Providencia se comprazeu em espalhar a mãos cheias preciosos encantos de seu cofre inexaurível; n'este formoso «jardim da Europa á beira-mar plantado», onde a natureza se mostra em toda a sua uberrima pujança, empavonando-se, vaidosa, de riquissimas galas . . . , encontram-se canteiros, onde não ha logar para mais flores: — tudo respira as ambrosias e os nardos do Oriente, tudo são aromas inebriantes de balsaminas em flor.

Aqui, deslisa um rio soberbo e caudaloso, com margens deleitosas e arvoredos frondentes; alli, ribeiros suaves, serpeando mansamente e sustentando em seus flancos formosas gondolas, que cortam as aguas gementes; acolá, despenham-se catadupas encantadoras, deixando-se cahir com um murmurio doce e emocionante . . . Uma maravilha!

Percorrendo o Minho, sem deixar de visitar um unico logarejo, sentem-se impressões indiviseis

e incomparaveis. Se visitamos as terras do interior, temos a admirar aquellas penedias alcantiladas que em volta das povoações se erguem, parecendo querer ameaçar os seus habitantes; embriagamo-nos com o aroma oxigenado das ramarias e deliciamo-nos com os panoramas amplos e deleitosos, que se desfructam das grandes altitudes; encantamo-nos com a vida sempre irrequieta e sempre crescente das thermas, espalhadas por toda a provincia, que no verão tomam o aspecto d'uma noiva em dia nupcial, e encontramos uma belleza magestatica nas correntes d'agua que no inverno se precipitam pelos fragedos das montanhas!

Sempre a belleza em todas as epochas do anno!

Se, porem, eu visito as terras adjacentes ao Atlantico, a minha admiração sóbe de ponto, porque tambem alli as maravilhas são extraordinariamente maiores.

Quem não ficará extatico e enlevado perante aquelle volver e revolver das aguas do mar, que se levantam aos ares em lucta titanica?! Quem não sentirá elevar-se a alma á contemplação do infinito, observando aquelles rugidos ferozes, que denotam um coração d'hyena?! Quem se não desprenderá das traiçoeiras machinações do mundo e se não concentrará na belleza d'aquelles lençoes de neve, que o oceano apresenta em dias de calmaria?!

Nem as paletas de Rubens, nem os magicos pinceis de Phidias, nem as inspirações genias de Miguel Angelo, nem a palavra melodiosa e arrebatadora de Victor Hugo poderiam dar uma pal-

lida ideia d'aquelle coloso gigante, que tem pulmões estupendos e arterias de mastodonte.

Pois todas estas bellezas, entrelaçadas mirificamente n'um todo harmonioso, encontram-se na formosa entre as formosas provincias de Portugal — no Minho.

Na esphera da arte como no campo da natureza só se notam deslumbramentos, só se descobrem manifestações do bello e mesmo do sublime. Tanto se expõem aos nossos olhos templos soberbos, como palacetes magicos de porticos esplendurosos; tanto apparecem á vista formosas paisagens, adornadas com a brandura e a simplicidade da innocencia, como espectaculos soberbos com a grandeza e a elevação do genio...

* * *

Que lindas cidades e villas, semelhando um ceu constellado com perolas diamantinas! E que fascinadoras aldeias, tapetadas de boninas e recortadas por sulcos de verdura!...

Delineemos a traços rapidos, um esboço sobre as cidades: — Braga, a catholica; Guimarães, a antiga; Vianna, a joven, a formosa, a progressiva.

Na primeira, a cidade dos Arcebispos, a Brachara Augusta dos Romanos, a devoção entremostra-se em mil expansões de fervor religioso; os repiques festivos dos campanarios unem-se n'uma orchastração d'alegria; e lá em cima... a belleza encarnada em pedra e crystallisada em marmore — o Bom Jesus com os seus columnelos ogivães, onde

se espelha a arte e onde se divisam as concepções alevantadas; com os seus renques de copado arvoredo, que se debruça languidamente sobre as águas d'aquelles lagos artificiaes, beijando-as com arroubo de ternura; com aquelles macissos d'um verde glauco, regados pelas lymphas que docemente deslisam das penedias. . . Onde uma belleza assim?! Onde um amplexo tão intimo de perfeições?!. . .

A poucas leguas de distancia, ostenta-se vaidosa dos seus pergaminhos a «fidalga edosa», chamada Guimarães, toda amarrada ás suas tradições e ás suas prosapias.

Aqui e alli levantam-se predios soberbos e palacetes magnificos; quatro clubs, onde ás noites se reúne o que ha de melhor na aristocracia, na burocracia e no commercio; sumptuosos templos, que aos domingos regorgitam de fieis; o velho castello, berço de D. Affonso Henriques, que só por si podia inspirar um livro; o Seminario Lyceu com cerca de duzentos alumnos, etc., etc.

Lá das alturas está-nos desafiando a um passeio agradável o elevado monte da Penha, d'onde o panorama é riquissimo, amplissimo. . . Grandes campinas marchetadas de álamos, d'onde, nos mezes d'agosto e setembro, pendem graciosamente abundantes e tumidos cachos; grande numero d'aldeias e a pequena mas linda villa de Fafe, terra de brasileiros e morgados opulentos; e ainda, em dia sereno, o grandioso mar, o eterno luctador.

Porém esta palavra faz-me esquecer tudo e chama-me para junto de si. Não posso resistir ao seu chamamento. Dirijamo-nos á estação do cami-

nho de ferro e tiremos bilhete para a formosa Veneza de Portugal. Conheceil-a? . . . E' Vianna do Castello.

Não nos demoremos na contemplação das belezas campestres, que matisam, em cambiantes de verdura, todas os terrenos por onde a locomotiva passa como uma serpente arrogante. Consideremos já pela imaginação na entrada da ponte que atravessa o mais formoso dos rios de Portugal—o decantado Lethes dos romanos, o Lima. Ali tudo é phantasia a desprender-se em catadupas de sentimento; ali tudo é magestade a expandir-se soberbamente: — magestade nas aguas do pittoresco, rio, que vem exausto de beijar relvedos marginaes, magestade lá em baixo no oceano, que levanta enormes flocos d'espuma, em convulsões d'histerismo; magestade no conjuncto branqueado d'habitações modernas e primorosas; magestade em tudo! . . .

Entra-se na estação e alli tudo respira aceio e grandeza; entra-se na cidade e as impressões agradaveis succedem-se, accumulam-se, disputam entre si primazias . . . E, para que não haja excepção ás outras cidades do Minho, tambem a encantadora Vianna tem o monte de Santa Luzia, que se lhe ergue sobranceiro, superior em paizagens ainda ao Bom Jesus! Um prodigio!

.....

S. Damaso, novembro de 97.

R. F. Fontinha.

Sessenta annos

(*Aos meus discipulos*)



1580 disse: *consummatum est*.

1640 respondeu: *surrexit*.

Sessenta annos de sepulchro.

O clarão sinistro d'Alkacer-Kibir sorvendo um rei sympathico, que era a esperanza do futuro e um exercito febril, que era a flôr da cavallaria, abriu uma brecha de desalento na intrepidez portugueza. Portugal sentiu um aperto d'alma. Tanger ferira-lhe a imaginação aventureira, mas Alkacer-Kibir sangrava-lhe o coração apaixonado. Sentiu que não perdia só um rei, que perdia tambem a independencia.

Fora mortal a lançada.

O que vae de 1578 a 1580, marca a agonia.

A desmoralisação na consciencia, a discordia na familia, a degradação no trabalho, a corrupção na fidalguia, a incapacidade nos conselheiros, o desalento no povo, a dissclucção em tudo, apressaram o desenlace.

O desanimo do publico fizera metade, o oiro de Phillippe II, fizera a outra metade.

A fidalguia entregara Portugal á ambição de Castella. O osculo foram as cortes d'Almeirim.

Christovão de Moura fora o banqueiro de Philippe II. Comprava consciências como um negreiro compra escravos

Havia covardes deserções em toda a linha. Porém, na borda do abysmo, destaca-se um braço alativo com o gladio da justiça, sobrenada uma alma incorruptível, que personifica o genio augusto da Patria lavrando protesto da sua maldição sobre a cabeça dos traidores.

Chamava-se Phebo Moniz.

Phebo Moniz foi o ultimo *portuguez*.

A entrada do duque d'Alba não foi uma conquista com espadas feitas, foi um triumpho com consciências compradas.

O prior do Crato passára como um meteoro: a reacção da nobreza e o desfallecimento do povo gelaram-lhe o enthusiasmo e goraram-lhe o plano.

Eis que ficou Portugal accorrentado a Castella, como Prometheu ao Caucaso.

O abutre devorava-lhe um a um, os seus membros. Uma nuvem de corvos arrancavam-lhe pedaços do seu coração—as suas colonias.

Foram 60 annos d'um horrivel pesadello.

Foi opprimido, aviltado, esmagado, infamado, roubado.

Viu-se obrigado a erguer pelas proprias mãos, o antro do seu supplicio — a Relação do Porto, que annos depois, Dom João V, o amigo do povo, havia de visitar com horror. (1)

(1) «Isto precisa ser completamente a razado.»

Olhou para a Hespanha e viu-a despenhando-se pelo plano inclinado da degradação moral a que a arrastára o despotismo ambicioso.

Soltou um rugido, rouco, selvagem, concentrou no peito toda a colera de 60 annos d'humilhação, rebenta as cadeias e diz á Hespanha: *Basta*.

Que a Europa saiba quanto vale a vontade d'um povo. Em *Aljubarrota* combatendo *pela patria* como os paladinos *pela dama*, derrubou n'um torneio terrivel, a sua rival Castella, lavrando assim o protesto da sua autonomia. Em 1640, sente pulsar de novo a alma audaz d'Aljubarrota, toma a espada, expulsa os Philippes e unge rei D. João IV assellando assim a sua carta d'alforria.

Houve rasgos d'heroismo.

Philippa de Vilhena — a Cornelia portugueza apresentára os seus filhos em holocausto da liberdade da patria: — «eis ahí as minhas joias».

João Pinto Ribeiro foi o primeiro portuguez. Por cima do abysmo, Phebo Moniz estende-lhe a mão. (1)

Não foi um ponto, foi um parenthesis.

Não houve morte, houve syncope.

Collegio de S. Dámaso, 1 de dezembro de 1897.

Agostinho Azcvedo.

(1) Luciano Cordeiro.

Academia literario musical



No dia 11, festejou o Collegio de S. Damaso o 7.º anniversario da sua inauguração com uma academia bastante luzida e muito intima.

O salão engalanado a bandeiras e tropheus, nadando em luz e com dois pendões ao centro deslumbrando suas azas de seda verde e azul, dava um relevo garrido á festa.

O programma entrelaçando as poesias com os discursos e matizando-os com musicas formava um conjuncto aperitivo á curiosidade.

Presidiu, ladeado pelos alumnos Alves Ferreira e Abel Freitas, o rev. Hermano Amandio que rememorando os triumphos de 7 annos de suores, envia uma *saudade* aos academicos que já se foram a continuar nos cursos superiores a carreira litteraria aqui iniciada e incita os presentes ao trabalho, cuja apologia tece em conceituosas phrases.

Aberta a academia, tomaram a palavra os rev.^{os} A. Santos (Incredulidade) e F. Fontinha (Collegios catholicos) que desenvolveram os seus themas n'umas allocuções cheias de enthusiasmo e palpitantes de interesse actual.

Na falta de louros foram acolhidos com palmas.

Os academicos A. Mesquita (*Descobertas e conquistas*), A. Jorge (*Glorias portuguezas*), H. Miranda (*Civilisação*), Cypriano (*Luz*) expozeram os seus assumptos em palavras expressivas e vividas que deixam entrever muita ancia de bem-dizer e muitas esperanças oratorias.

Um *bravo* pelo passado e um *avante!* pelo futuro são os meus parabens.

Os alumnos, A. Cruz (*Canção de berço*), A. Pimenta (*Santa Maria de Belem*), Albuquerque (*Crianças*), Amadeu (*Dragão*), R. Maltez (*Hymno d'amor*), H. Guedes (*Dinheiro e Elviano*) recitaram poesias com naturalidade e energia dignas d'encomios e promettedoras de esperanças.

Sobresahiu entre todos, pela expressão dos gestos apropriados da voz, chiste da letra e interesse do todo o meino Henrique Guedes que abertamente deixa adivinhar um talento de declamador. O rev. Abel de Freitas na sua poesia original (*Sciencia e luz*) provou-nos á saciedade o elevado grau que pode attingir o seu estro poetico.

O caracteristico *musical* honrou e apregooou os esforços e meritos do distincto professor de musica, snr. Martinó.

A orchestra largamente figurada, superiormente regida e delicadamente afinada teve o seu mais franco elogio nos *bis* que mereceram as suas walsas (*Chuva de Flores*, *Granadine*, *Cantos populares*).

Ao piano, Arlindo Martinó (*Mazurka*, *Dos pardaes*) A. Jorge (*Iris*), José Vianna (*Carnaval de Veneza*) foram ouvidos com gosto e admirados com palmas

Abriu e fechou a academia, o Hymno do Collegio pela orchestra, ouvido de pé e acclamado com enthusiasmo.

Foi um dia cheio que teve o unico defeito de acabar depressa.—A. A.

(Da Palavra).

Página do Collégio de S. Cármaso

A frequencia

Continúa sendo muito numerosa. São 165 os collegiaes. Foram admittidos este anno cinquenta novos alumnos



Notas

Tres vezes houve leitura de notas durante o trimestre findo. Muitos collegiaes obaiveram notas de *distincção* pelo que receberam pequenos premios.



Exames trimenzaes

Fizeram-se estes uteis ensaios de exames. Em geral os examinandos manifestaram consideravel aproveitamento. Ficaram *distinctos*: JOSÉ MONTEIRO, HENRIQUE GUEDES, ADOLPHO CUNHA, ALFREDO GUIMARÃES, ALFREDO MONTEIRO, MACAMBIRA, AMANDIO FREITAS, SOUZA PEREIRA, EMILIO MENDES, ALVARO LEMOS, ABEL ALVES, ALVES FERREIRA, A. PIMENTA, ABRAHÃO, AMILEAR, M. MARTINS, G. FARIA, ALVES FERREIRA, ALBERTO CRUZ, ABRAHÃO, PAULO F.

AMILCAR, ANNIBAL MESQUITA. Estes foram *premiados* e todos receberam cartões designando os *valores* obtidos.



À estrada

Vae emfim ser uma realidade a estrada de Guimarães á Costa. Bom é. A Direcção do collegio está vivamente reconhecida aos cavalheiros que teem mostrado decidido empenha pela realisação de tão urgente melhora-mento.



A. de S. Luiz e S. Antonio

Não está esquecida ou perdida esta associação, querida dos collegiaes; sómente, urgencias escolares teem feito addiar a respectiva eleição. Ella se fará, e breve. Veremos então se sabe corresponder ás suas já altas tradições e aos intuitos de seu saudoso fundador, padre Oliveira.

